

BANCO DE DADOS DO PROJETO VIOLÊNCIA E MÍDIA – A PRÁTICA INTEGRADA DO ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO.

TÂNIA SIQUEIRA MONTORO*

I. BREVE HISTÓRICO DA PESQUISA:

O projeto de Extensão Banco de dados sobre Violência e Mídia, nasce de um daqueles encontros singulares que permeiam a vida acadêmica como, por exemplo, ser professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, NEPEM/CEAM, que nos últimos anos vem se debruçando sobre o estudo da violência e suas múltiplas manifestações na vida contemporânea. Direcionamos nossa pesquisa não para o estudo do fenômeno da violência em si, mas para o estudo da sua representação nas notícias veiculadas cotidianamente pelos meios de comunicação.

Eleger, portanto, as notícias de violência como objeto de reflexão teórica e metodológica, no contexto de uma pesquisa em comunicação, possibilita este casamento singular entre dois entes presentes na vida social contemporânea: as notícias e a violência. Da mesma forma que a notícia impera em nossa época,

este outro fato, quase cotidiano, também habita as conversas, os encontros, as intimidações dos lares: a violência.

Se, por um lado, tal preocupação, tanto de natureza teórica como metodológica, contribui para a discussão tão premente sobre a intrincada relação violência e meios de comunicação, por outro, encontra estreita sintonia com as demandas da sociedade, que, cotidianamente, encontra-se cada vez mais exposta ao bombardeio mediático de conteúdos de violência.

Bisbal (1996:27) em um elucidativo artigo sobre notícias de violência reflete sobre o discurso dos meios de comunicação pontuando:

"Las violencias de la vida cotidiana están presentes aquí y ahora; hay una sensación de su consagración como único camino para legitimar las existencias, incluso para legitimar las estructuras sociales. Presenciamos entonces, una "espiral de violencias" que nos lleva paulatinamente, a una cultura de la violencia que es lo mismo que presenciar e instituir una cultura de la muerte. Así como hay gente que muere hay gente que mata. La muerte se transforma en un espectáculo que genera más violencia. Violencias

en las calles, en los hogares, en las ciudades y en el campo. Es la violencia de la vida interaccionando con las violencias de los medios de comunicación."

Dentro de uma perspectiva crítica orientada pelos Estudos Culturais da Comunicação, neste projeto de pesquisa, as notícias são concebidas como produto cultural e unidades narrativas que traduzem um determinado tipo de informação, que longe de ser uma descrição objetiva e fiel da dinâmica da realidade, se apresentam como um lugar privilegiado de construção de valores, identidades e mediações.

As notícias são protagonistas de nossa época. São elas que nos informam e nos inserem nos acontecimentos do mundo globalizado. Diferentes são os modos de construir a notícia e diverso é o público que as consome. Daí a necessidade de estudar este produto cultural, costumeiro, que oferece, em doses diárias, estratégias narrativas seletivas, para informar sobre determinado fenômeno.

2. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO:

Do ponto de vista da produção de conhecimentos, o projeto está desenhado para funcionar como banco de notícias,

partindo, portanto, da própria conceituação de violência oferecida pelos discursos jornalísticos, tanto através do discurso direto como indireto, na titulação das matérias e artigos e pelo próprio conteúdo informativo veiculado.

Alguns interrogantes fundamentam as hipóteses da pesquisa e determinam os instrumentos metodológicos utilizados para classificar e relacionar os dados.

A violência é um valor notíciaco? Qual é o espaço noticioso ocupado por temáticas de violência no jornal? Qual a proporção das notícias de violência em relação às demais notícias do jornal ou telejornal? Que elementos visuais compõem as narrativas de violência? Quem fala pela violência nas notícias? Que vezes constroem a trama discursiva? Como são caracterizados estes personagens e protagonistas? Que recursos narrativos são aplicados para titular o episódio e enquadrar a temática? Que recursos lingüísticos e de comunicação são utilizados na construção da notícia? Que vetores são apontados pela imprensa como inibidores da violência? Que indicadores são apontados, pela notícia, como propulsores da violência? Que categoria(s) de violência(s) ocupa(m) este espaço noticioso? Que tipos de crimes são mais relatados? Que vetores discursivos são apontados para o incremento da violência na sociedade brasileira?

Que ações de cidadania e mobilização da sociedade contra a violência são noticiadas?

Muitos outros mapeamentos podem ser explorados, dependendo da aproximação que se pretenda realizar com relação ao objeto de estudo "notícia de violência". Um pesquisador interessado encontrará nos arquivos do Banco de Dados farto material de dados empíricos. Poderá saber, por exemplo, quantas vezes a polícia aparece como personagem do relato nas notícias de violência ocorridas no Distrito Federal publicadas num determinado período; ou quantas notícias sobre mulheres estupradas no Plano Piloto foram divulgadas nos últimos seis meses; ou ainda, que argumentos constroem a polémica mediática sobre o excesso de violência nos programas do horário nobre da televisão aberta.

3. A ASSOCIAÇÃO PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO.

Do ponto de vista do processo ensino aprendizagem, esta talvez tem sido a maior riqueza do projeto, tanto para professores como para alunos envolvidos na pesquisa. De um lado, porque ao analisar e inserir no Banco de Dados o conteúdo noticioso de violência, os alunos têm a oportunidade de efetuar uma leitura mais crítica dos meios de comunicação e consequentemente avaliar a qualidade da informação transmitida por um determinado veículo. De outro

lado, a bibliografia complementar de leitura e as discussões em seminários permitem uma reflexão mais substantiva sobre ética e imprensa e o papel social dos comunicadores, de oferecer uma informação de qualidade, fundamental para formação da cidadania e consolidação da democracia.

Em grandes linhas, pretende-se investigar, em última análise, o impacto das notícias na formação da opinião pública e na construção de imaginários. Durante a pesquisa, os alunos têm a oportunidade de utilizar as novas tecnologias, de modo integrado e coerente com os objetivos de uma investigação. A partir da indexação das notícias de violência, se colocam em contato com aplicativos de banco de dados, que permitem organizar, acessar, extrair informações quantitativas, básicas para o desenvolvimento de análises qualitativas posteriores. Ainda como parte de suas atividades de bolsista, participam também dos seminários, oferecidos no NEPEM, através dos quais propicia-se a oportunidade de aprofundar temas e conceitos recorrentes na literatura das ciências sociais, como gênero, violência social, direitos humanos e cidadania.

4. PRODUTOS DO BANCO DE DADOS.

O projeto de Banco de Dados gerido pelo NEPEM, ao longo de sua implantação e incremen-

to vem aportando elementos para trabalhos monográficos de final de curso tais como "O discurso jornalístico sobre violência contra mulher e negro na mídia impressa" (Letras); "Visibilidades e Ocultamentos na cobertura da violência contra mulher no Distrito Federal" (Serviço Social); "O discurso policial nas notícias de jornal" (Letras); "Violência rural: A construção da imagem dos sem terra". (Comunicação).

Posteriormente, alguns destes trabalhos se tornaram pilares para projetos de pesquisa de mestrado. Utilizando o Banco de Dados do NEPEM foram publicados também artigos como "Notícias de Violência: Uma leitura"²; "Violência contra as mulheres na mídia impressa"³; "Representación Social y Publicidad: La polémica como estrategia publicitaria"⁴; "La representación social de la violencia en los informativos de más audiencia en Brasil"⁵.

Durante o segundo semestre de 2000, os bolsistas Maria Clara Machado, Milena Dalmachio, Marcus Amaral, juntamente com a estudante de jornalismo do UniCEUB Bárbara Siqueira, se debruçaram sobre a tarefa de indexação das notícias de violência veiculadas pelo jornal *Correio Braziliense* no período de julho a dezembro. Foram indexadas 1800 notícias entre artigos, editoriais, notas, reportagens e entrevistas.

Com vistas a integrar à investigação a análise da notícia audiovisual de violência, quarenta telejornais foram gravados nos meses de março e abril de 2000 e encontram-se também indexados e associados ao banco de dados, que será ampliado, no sentido de comportar o processamento, gerenciamento e acesso a informações visuais e sonoras.

Individualmente os pesquisadores classificaram uma média de 450 notícias e somente pelo volume da mostra, pode-se ter uma idéia da presença e conseqüente visibilidade da violência nas notícias de jornal. Os bolsistas produziram também artigos sobre a cobertura midiática de casos de violência, com alta frequência de noticiabilidade, que se encontram nas reflexões que integram este artigo plural.

A bolsista Maria Clara faz uma leitura da cobertura noticiosa, que o *Correio Braziliense* ofereceu ao trágico assassinato do aluno de Publicidade da UnB, João Cláudio Cardoso Leal, no dia 09 de agosto passado. As estudantes de jornalismo Milena Dalmachio e Bárbara de Siqueira utilizaram o banco de dados para analisar comparativamente o tratamento informativo oferecido a cobertura de um caso de violência contra mulher, culminando com o assassinato da jornalista Sandra Gomide, um acontecimento noticioso exemplar, no que diz respeito ao estudo das relações entre gênero, violência e imprensa.

O bolsista Marcus Amaral auxiliado pelo prof. Armando Bulcão, da Faculdade de Comunicação da UnB, foi responsável pela operacionalização do Banco de Dados, disponibilizando informações para pesquisadores e comunidade. No artigo "Novas Tecnologias e Cidadania", o futuro jornalista explicita como as novas tecnologias podem estar a serviço da cidadania oferecendo, uma informação mais crítica e qualificada.

5 . NOVOS DESAFIOS : A CRIAÇÃO DE UM OBSERVATÓRIO DA MÍDIA COM FOCO NA VIOLÊNCIA E CRIMINALIDADE.

Nesta atual etapa de trabalho, buscamos encontrar e consolidar parcerias que permitam financiar a ampliação do projeto, rumo à operacionalização de um observatório da mídia, capaz de oferecer com agilidade e precisão instrumentos de pesquisa e análise crítica da chamada grande imprensa. Apoiada na perspectiva integrada ensino-pesquisa-extensão, esta expansão natural do acervo do banco de dados, contemplando outros veículos impressos e demais meios de comunicação audiovisual, como o rádio e a TV, conta desde já com a experiência acumulada no exercício deste e de outros projetos desenvolvidos pelo NEPEM.

De modo mais imediato, nos encontramos agora diante do desafio e a necessidade de disponibilizar *on line*, o Banco de Da-

dos Violência e Mídia para a comunidade universitária e a sociedade em geral. No momento, o atendimento é feito no NEPEM, carente dos espaços, recursos e eficiência desejados. Mesmo com todas estas limitações, temos, no entanto, a certeza de estar conseguindo aportar, com o apoio do Decanato de Extensão, dados relevantes e reflexões valiosas para atuação de instituições públicas, sindicatos, associações profissionais, grupos de mulheres, jornais comunitários, professores e pesquisadores dos mais diferentes campos do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹Bisbal, M.(1996) "Violencia y Television o el discurso de la conmoción social in Orozco, G.(org.) Miradas Latino Americanas a la television, Ed. Universidad Iberoamericana, México.

² Montoro, T.(1999) Noticias de Violencia "Uma leitura" in M.Suaréz e L. Bandeira Violencia, Género e Crime no Distrito Federal, editora Unb e Paralelo 15, Brasília, pp.105 a 121.

³ Carvalho, A. (1999) Idem .

⁴ Bulcao, A. Montoro, T. (2000) "Representación Social y Publicidad: la polemica como estrategia publicitaria" in Medios de Comunicación y Cultura, ed. Universidad de Salamanca, España, pp.305 a 328.

⁵ Montoro, T (2000) " La representación social de la violencia en los informativos de más audiencia en Brasil" in Anais da VIII Jornadas de Investigadores en Comunicación, Faculdade de Ciências da Informação, ed,Universidad de Santiago de Compostela, pp.225 a 245.

TANIA SIQUEIRA MONTORO

Professora da Faculdade de Comunicação da UnB, bolsista da CAPES para doutorado em Comunicação Audiovisual na Universidade Autônoma de Barcelona, coordenadora do projeto Violência e Mídia, NEPEM/ CEAM/DEX - UnB.

O BANCO DE DADOS VIOLÊNCIA E MÍDIA

Armando Bulcao

O principal resultado do processo de implantação e gerenciamento de um banco de dados sobre Violência e Mídia é sem dúvida o aprendizado de métodos e técnicas quantitativas e qualitativas para descrição e análise de mensagens produzidas e transmitidas pelos meios de comunicação.

A implantação do projeto piloto proporciona a experiência básica e necessária para implementar e desenvolver procedimentos e técnicas que colaboram na direção de ampliar e consolidar um Banco de Dados, Imagens e Sons de Violência e Mídia, acessível e ágil, consoante a extraordinária dinâmica das notícias nos meios de comunicação contemporâneos.

Nesta etapa experimental, tornam-se acessíveis os primeiros resultados obtidos através de um processo de seleção, coleta, catalogação e análise do material (recortes de jornais), atualmente organizado e indexado.

Através de planilhas, é possível acessar a estes recortes de acordo com as seguintes entradas:

Data
Jornal
Editoria
Página
Identificação
Notícia
Personagens
Artigo, Matéria, Nota
ou Editorial

Local da violência
Foto / Infografia
Entrevista
Manchete
Tamanho (cm²)
Categoria

Além de viabilizar o acesso ao acervo as entradas permitem classificar as notícias e extrair informações, dando passo a uma abordagem relacional dos dados ingressados.

Deste modo, é possível relatar, por exemplo, que a mostra processada contempla um universo de 1051 notícias de violência, correspondente a um total de 369463,3 centímetros quadrados de espaço ocupado nas edições diárias do

QUADRO I



QUADRO II



jornal Correio Braziliense, durante o período de Julho a Novembro de 2000.

De acordo com a orientação adotada, procedeu-se à consolidação de dados pertinentes à relação entre Categorias de Violência e Tamanho da Notícia, mensurado em centímetros quadrados. Na ilustração 1 (Graf. 1), podemos observar a evolução mensal das notícias de violência, classificadas segundo as principais categorias, dentre as elegidas pela pesquisa. Na ilustração 2, (Graf.

2) podemos observar: do total de notícias de violência indexadas, a maior parte (60,1%) foi classificada na categoria Violência e Vida Cotidiana, a qual inclui matérias, artigos e notas relativos a eventos típicos do contexto cidadão, tais como assassinato, seqüestros, agressões, chacinhas, brigas, assalto, bem como fatos concernentes a presídios e à segurança pública.

Como contraponto importante, ainda que quantitativamente inferior, a presença da categoria

Violência e Cidadania (12,4%), denota uma orientação editorial que busca também privilegiar a cobertura de ações, campanhas e processos de mobilização contra a violência e a favor da paz. Neste mesmo contexto discursivo, é possível compreendermos a presença da categoria Violência e Transição (7,9%). Reflete não apenas os altos índices diários de vítimas do trânsito, mas também, e principalmente, parece ser resultado de uma intensa, constante e importante decisão editorial, comprometida com campanhas pela paz no trânsito.

Outras informações, mais específicas, relativas à editoria ou página em que aparecem as notícias, ou ainda quanto ao tipo de violência noticiada ou ao local do evento, por exemplo, poderão também ser extraídas, a partir desta e de outras mostras, a serem coletadas e processadas pelo projeto.

Editados em formato Excel (1,26MB), os dados integrais do atual estágio de pesquisa, com respectivos gráficos e planilhas, já se encontram à disposição da comunidade, do público em geral e dos pesquisadores interessados, através do e-mail: violenciaemidia@yahoo.com.br

ARMANDO BULCÃO

Professor do Departamento de Audiovisual e Publicidade da Universidade de Brasília e bolsista do CNPq no doutorado na Universidade Autônoma de Barcelona.

NOVAS TECNOLOGIAS E CIDADANIA

Marcus Vinícius O. dos Santos

Um *Banco de Dados* pode ser definido, de modo amplo, como uma coleção integrada de dados operacionais, compartilhada pelos sistemas de aplicações. Através de um sistema de banco de dados é possível manter e gerenciar informações através de registros no computador, adicionando, inserindo, eliminando e, principalmente, recuperando dados disponíveis em diversos arquivos.

Dados são seqüências ordenadas de símbolos, as quais se pode extrair informações, mas que isoladamente, não contém nenhum significado. Informações são dados tratados, analisados ou processados, capazes de transmitir algum conhecimento ao receptor. Sistema é um conjunto de elementos ou funções independentes, constituindo uma estrutura unitária, orientada para atender objetivos específicos.

Parte integrante de um *Sistema de Informação*, o banco de dados é hoje ferramenta básica para o monitoramento e controle das atividades de uma organização, empresa ou instituição. Registrando todas as movimentações internas e externas, gera, a partir dos dados que recebe, informações necessárias à otimização dos processos e do sistema como um todo.

Tais definições técnicas, po-

rém, pouco revelam as muitas potencialidades e a importância estratégica destas ferramentas no processo de construção da cidadania, antevistas no artigo da pesquisadora Marisa Perro ne:

"No cerne das transformações que estão alterando o panorama mundial, a informação é recurso de poder, pela vinculação do desenvolvimento com a capacidade de uma sociedade em gerar e aplicar conhecimentos. A informação concorre, assim, para o exercício da cidadania, à medida que possibilita ao indivíduo compreender a dimensão dessa mudança e oferece os meios de ação individual e coletiva de auto-ajustamento. Para isso, no entanto, é necessário garantir ao indivíduo o acesso à educação e à informação".¹

Neste sentido, o Banco de Dados Violência e Mídia do NEPEM certamente contribuirá para divulgar e democratizar os resultados de uma pesquisa acadêmica, fornecendo à comunidade dados e informações críticas sobre o tratamento informativo da Violência nos Meios de Comunicação.

Como primeiro passo nesta direção, a conclusão de um projeto piloto, executado a partir de uma mostra de um jornal diário, permitiu propor, experimentar e avaliar técnicas e procedimentos valiosos para implantação e

gerenciamento de um banco de dados mais amplo, abrangendo diferentes jornais diários e abarcando outros meios audiovisuais como o rádio e a televisão.

Nesta etapa, o Banco de Dados Violência e Mídia do NEPEM já proporciona, através de planilhas, gráficos e dados agregados, informações quantitativas que permitem identificar:

- Frequência das notícias de violência por categoria no jornal Correio Braziliense no período de julho a novembro de 2000;
- Espaço noticioso dedicado às notícias de violência
- Ordem hierárquica das notícias de violência em relação às demais notícias do jornal;
- Localidades, cenários, personagens e protagonistas nas notícias de violência;

Em termos de uma análise qualitativa das notícias de violência, este banco de dados "piloto" possibilita:

- Um ordenamento cronológico e acessível à sistematização dos títulos (enquadramento noticioso);
- Assinalar a presença de recursos visuais (fotos, infografias, charges, desenhos, gráficos, ilustrações);
- Identificar os discursos presentes na construção das noti-

cias de violência (quem fala pela violência e quais são os principais argumentos utilizados para construir a trama discursiva.);

Os gráficos gerados a partir de tais dados se encontram disponíveis, bem como a possibilidade de copiar os arquivos iniciais. Um próximo passo será disponibilizar, através da Internet, este *banco de dados*, organizado em função das próprias peculiaridades estabelecidas pelos pesquisadores e consolidado a partir da vivência do trabalho de investigação.

Sabemos que nenhum processo pode acontecer sem que formação, informação e conhecimento sejam considerados desafios críticos e primordiais. Apropriando-se das novas tecnologias para promover a qualidade da informação, este projeto, apoiado pelo Decanato

de Extensão da UnB, cumpre o papel de fornecer instrumentos e reflexões para uma leitura crítica dos conteúdos midiáticos, contribuindo para a formação de leitores e jornalistas mais críticos, mas exigentes e atuantes.

BIBLIOGRAFIA

Os Sistemas de Informação (Apostila)
Murilo Maia Alves
Alves, M. M. (Ano). *Os Sistemas de Informação (Apostila)*. — *A questão cidadania na sociedade da informação (Artigo)*/Marisa Perrone Campos RochaPerrone, M. (Ano). "A questão cidadania na sociedade da informação", in

¹ Rocha, M. P. (1999) A questão da cidadania na sociedade de informação.

MARCUS VINÍCIUS O. DOS SANTOS
Estudante de Jornalismo da UnB,
bolsista do Projeto - Violência e Mídia
do Nepem/ Ceam/Dex.

grande repercussão entre os estudantes da UnB, a juventude do Distrito Federal e a sociedade em geral.

Cumprindo os objetivos desta pesquisa, participamos da tarefa de indexar as notícias de violência, com vistas a implementar um projeto piloto de banco de dados, que nos permitiu quantificar um total de cinquenta notícias sobre o caso João Cláudio, entre reportagens, artigos, editoriais e notas foram veiculadas pelo periódico *Correio Braziliense* durante o período de 10 de agosto ao dia 15 de dezembro do ano 2000. Tal sistematização proporciona a base informativa deste texto, que busca refletir acerca de como o discurso(s) jornalístico(s) constrói as notícias de violência a partir da análise do tratamento informativo dado ao fenômeno da violência pelos meios de comunicação. O trabalho aqui desenvolvido pretende fazer uma análise da cobertura jornalística do assassinato do estudante João Cláudio, levantando alguns aspectos que possam revelar como o jornal trabalha as informações e fatos que tem para transformá-las em notícia.

O CASO JOÃO CLÁUDIO

Na edição de 10 de agosto do *Correio Braziliense* foram publicadas 11 matérias sobre o assassinato, na madrugada do dia anterior, de João Cláudio, jovem de vinte anos, branco, de classe média, morador da Asa Sul

UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A COBERTURA NOTICIOSA DO ASSASSINATO DE JOÃO CLÁUDIO

MARIA CLARA MACHADO

Dentre as notícias de violência veiculadas pelo jornal *Correio Braziliense*, ao longo do segundo semestre do ano 2000, um caso, especificamente, me chamou a atenção: a cobertura jornalística dada ao assassinato do estudante

de Comunicação da UnB, João Cláudio Cardoso Leal. Antes de tudo, pelo fato de ser também estudante de Comunicação da UnB. Em segundo lugar, como bolsista do projeto de pesquisa e extensão "Violência e Mídia", do NEPEM e por ser este um caso de violência que causou e causa

e estudante de Publicidade na Universidade de Brasília. Na capa, em negrito, a manchete "Ele só tinha vinte anos" ocupou o espaço superior da página, destacado das demais notícias do dia. Estampada uma grande foto em "close", traduzida em imagem a vitalidade do olhar e a expressão de felicidade do rapaz.

Segundo o jornal, João Cláudio e seu amigo Gilson Elmokdisi saíam da boate "Music Hall", na 411 Sul, em direção ao carro de Gilson, estacionado em frente ao BRB, quando João Cláudio deu uma "cantada" numa moça que andava sozinha. Sem sucesso, os dois seguem para o carro, mas antes de entrarem no Pálio de Gilson, são abordados por outros rapazes, não se sabe ao certo se três ou quatro, com a seguinte pergunta: "Mexendo com a mulher dos outros?". Sem esperar resposta, os rapazes partem para a agressão. No primeiro golpe, Gilson desmaia. Ao acordar, vê o amigo João Cláudio caído e sangrando. João Cláudio já estava morto.

O CONTEXTO DA NOTÍCIA

Quase diariamente, casos como o de João Cláudio acontecem no país e, até mesmo com certa frequência, nas cidades satélites e entorno do Distrito Federal. Prova disto, no mesmo dia 10, durante um assalto num bar em Ceilândia, outro jovem

foi também assassinado. Tal fato, porém, não foi tratado com tanta importância. A identidade deste jovem sequer é revelada pela notícia, que não ocupa meia página (interior) do informativo, no mesmo dia 10, enquanto o assassinato do estudante de Comunicação sustenta quase cinquenta páginas do Correio, ao longo do semestre, cinco como destaques de primeira página.

O que o caso de João Cláudio tem de mais relevante e inusitado, se comparado ao caso de um outro jovem, também assassinado, na Ceilândia? Porque notícias de assassinato, que acontecem na periferia do plano piloto, com população de baixa renda, socialmente excluída e com menos acesso ao poder e à mídia, não possuem, na hierarquia de valor jornalístico o mesmo *status* noticioso?

Curiosamente, a cobertura do assassinato do estudante de Comunicação abriu caminho para que o jornal relembresse outros casos de violência, cometidos e praticados por jovens, em geral de classe média. No mesmo dia 10 de agosto, em que o caso foi noticiado pela primeira vez, a outra manchete de capa recordava aos leitores: "Hoje faz sete anos que Marco Antônio Velasco foi assassinado a socos e pontapés." (CB 10/08/2000).

Neste contexto discursivo, outras associações estiveram também presentes na narrativa: o

espancamento do estudante Clivertton Brito Rosa, 19 anos, ocorrido na 706 Sul; o também estudante Elimarcos Lisboa, 23, espancado durante um show de *axé music* na Asa Sul; e, principalmente, a morte, cinco dias depois da de João Cláudio, do também adolescente da Asa Sul Tiago Saraiva, assassinado por causa de mortalhas da *Micarecandanga*.

É importante observar que as comparações efetuadas pelos discursos jornalísticos em ação partem de uma homogeneidade discursiva: As vítimas eram estudantes, moradores do Plano Piloto, pertenciam a famílias de extratos médios e com bom nível de instrução e de acesso à imprensa.

OS DADOS DA PESQUISA

Dentre as cinquenta matérias veiculadas pelo Correio Braziliense sobre o caso, mais da metade, trinta, apresentam fotos, quase todas acompanhadas de legendas. Das trinta fotos e suas respectivas legendas sobre o caso, a maior parte refere-se à própria vítima ou à pessoas a ela vinculadas, seja por parentesco (principalmente os pais), amizade (amigos e colegas) ou relação profissional (advogados). A mesma foto do rapaz é utilizada em todas as matérias e serve de base para a criação de uma logomarca que identificará o caso. Nesta foto a vítima, João Cláudio aparece com um sorriso meigo e feliz.

Ao longo da cobertura fotoperiodística, emerge o perfil de João Cláudio como um jovem estudante alegre, tímido, pacífico e cheio de planos. Nas fotos, os pais, quando juntos, aparecem sempre abraçados, num símbolo de união familiar; o pai, com a cabeça erguida, punhos cerrados, aparenta confiar na justiça; a mãe aparenta fragilidade e desespero; os amigos, um olhar distante e triste. Os acusados, por outro lado, igualmente jovens de classe média, em close, aparecem com ar de loucura e desespero. Tudo leva a crer que João Cláudio era um garoto muito querido e que justiça deve ser feita.

Cabe lembrar, entretanto, que, na prática jornalística, "transformar um fato em notícia não é o mesmo que reproduzir singelamente o que ocorreu...é também alterá-lo, dirigi-lo, mutilá-lo...a produção da notícia significa a adaptação do fato social a algo mais rentável...o fato social é embelezado, pintado de novo, como ocorre com outras mercadorias na prateleira para atrair a atenção do comprador; o fato social aqui é também acirrado, exagerado, forçado...mudado para vender."¹

Esta observação nos conduziu a observar que os títulos das notícias sobre o caso João Cláudio realizam, em grande medida, a prática jornalística sensacionalista e minimalista descrita

por **Ciro Marcondes Filho**² :

"... a prática jornalística torna-se progressivamente minimalista. O enfoque do tema recai sobre o ângulo subjetivo e pessoal... apenas para dar informações particularizadas aos leitores".

Nos exemplos abaixo, extraídos da mostra, podemos observar a presença destas construções narrativas no discurso jornalístico:

"Ele tinha só vinte anos", "Tanto sonho em vão", "Morte estúpida", "Ninguém queria acreditar", "Até quando?", "Ainda há o que fazer", "Acusado ainda livre, uma semana depois.", "Brasília reage", "Ainda falta um", "Acusados beneficiados".

Neste discurso, ao longo do texto, pudemos notar o papel de "guardião da justiça", reservado ao narrador / jornalista, legitimado pela presença recorrente de fontes oficiais nas matérias sobre o caso, seja através do discurso direto ou indireto. De fato, como é possível constatar através do banco de dados, policiais, advogados, promotores, juizes e políticos ocupam um espaço privilegiado nas notícias de violência, o que de certo modo corresponde à procura por conferir um *status* de maior confiabilidade e conseqüentemente credibilidade pública à informação do repórter.

Alsina (1998:26)³, analisando as opiniões presentes na im-

prensa sobre terrorismo chama atenção para o fato de que os discursos jornalísticos sobre violência desconsideram a multiplicidade de versões que existem sobre os acontecimentos e privilegiam as narrativas que podem ser qualificadas de autorizadas, de modo que esses discursos apresentam uma maior dependência das interpretações oficiais dos fatos e um enfoque noticioso mais homogêneo.

No caso João Cláudio especificamente, transparecem nos textos analisados um consenso discursivo, que aponta como causas do crime cometido basicamente três fatores: "ciúmes", "bebidas em excesso" e "falta de limite dos pais". Como fatores inibidores, isto é, que poderiam impedir a violência, destaca, principalmente: maior acompanhamento dos pais e maior número de policiais.

ALGUMAS RESPOSTAS, MUITAS PERGUNTAS

* Ao acompanhar o caso João Cláudio com destaque, a cobertura do Correio sem dúvida contribuiu para manter a atenção e o interesse das pessoas, que passaram a cobrar justiça ou pelo menos esperar que fosse feita. Não me pareceu, em nenhum momento, que o Correio haja se omitido, ou deixado de veicular alguma notícia que viesse a prejudicar a imagem dos acusados ou revelasse algum privilégio que

tiveram por serem estes bem colocados socialmente.

Pouco a pouco, além de se preocupar com a urgência do problema, a população passa também se mobilizar contra a Violência, o que se concretiza inicialmente através de debates discussões, manifestações, protestos, passeatas e, porque não, notícias. Entretanto cabe questionar se casos como o de João Cláudio não recebem esta merecida atenção muito em função de que os atores da violência – vítimas e agressores – gozam de prestígio social.

Dentro da cultura brasileira, parece de certo modo reafirmar-se assim a idéia amplamente difundida de que "a violência é praticada por sujeitos desviantes e nos espaços marginais da sociedade... e que a sociedade é vista como sofredora da ação violenta que é realizada por pessoas de fora dela que a ameaçam."⁴ Desta vez, entretanto, a classe média é vítima da própria classe média, e não da violência que lhe parece ser exterior - da periferia, dos marginais e dos excluídos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ Filho, C. M. (1999) *Jornalismo e Comunicação: A saga dos cães perdidos*. Hacker editores, São Paulo, pp.18.
- ² Filho, C. M. (1995) *O capital da notícia*, ed. Ática, São Paulo.
- ³ Alsina, M. R. (1998) "El impacto social de la violencia em la television" in *Revista Tripodos: Llenguatge- Comunicació- Pensament*, nº 5, Publicaciones de la Universidad Ramon Lull, Barcelona.
- ⁴ Montoro, T. (1999) "Noticias de violência : Uma leitura" in M. Suarez e L. Bandeira (org)...

MARIA CLARA MACHADO

Aluna do Departamento de Audiovisual e Publicidade da Faculdade de Comunicação da UnB e bolsista do projeto Violência e Mídia, NEPEM/ CFAM/DEX - UnB.